

Comportamento Semanal de Mercado

17 a 24 de março



Diferenças

Apesar das reuniões de política monetária ratificarem os resultados aguardados e manterem a inflação como a principal preocupação, as sinalizações do *Federal Reserve* (Fed) e do Banco Central (BC) apresentaram diferenças importantes. Reagindo às ameaças à estabilidade financeira internacional, o Fed anunciou, como provável último ajuste, o aumento de 0,25 p.p. em sua taxa de referência, o que propiciou um alívio na contração das condições financeiras. Com isso, no monitoramento do *CME Group*, a probabilidade de manutenção da taxa dos *fed funds*, em maio, alcançou 89,8% na 6ª feira. Por aqui, embora a Selic tenha se mantido em 13,75% a.a., a mensagem acerca do balanço de riscos poderá redundar em uma direção contrária. Talvez até pela complexidade de incorporar o mercado de crédito nas modelagens, os efeitos da perda de dinamismo nas concessões de empréstimos e da menor preocupação com um hiato do produto mais estreito no balanço de riscos foram compensados pelo efeito da desancoragem das expectativas inflacionárias de longo prazo. Porém, o fato é que as externalidades negativas provocadas pelo mercado de crédito, com a evolução do endividamento e inadimplência das famílias e as ocorrências nas modalidades corporativas, e a crise bancária no exterior constituíram-se em um aperto monetário adicional. Evidenciando os entraves para a dinâmica inflacionária, a média móvel trimestral dessazonalizada e anualizada do IPCA-15 subiu de 6,0% a.a. em fev/23 para 7,1% a.a. em março. Para esta semana, a atenção estará certamente voltada para as tratativas do novo arcabouço fiscal e os dados do crédito, sem se esquecer da ata do Copom e o relatório de inflação do BC, a produção industrial, Pnad e o PIB dos EUA.

Expectativas

Inflação – Mediana das Projeções

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	24/03	Últ. Semana	Há 4 semanas
mar/23	0,76	0,75	0,65
abr/23	0,59	0,60	0,61
mai/23	0,40	0,40	0,40
2023	5,93	5,95	5,90
2024	4,13	4,11	4,02
2025	4,00	3,90	3,80

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

A deterioração das condições financeiras que já está se manifestando na evolução do crédito e na desaceleração da atividade econômica, agravada agora pelos riscos à estabilidade financeira internacional, ainda é incapaz de alterar significativamente as projeções do levantamento Focus. Em relação à semana anterior, a previsão para o crescimento do PIB elevou-se em apenas 0,01 p.p. para 0,90% em 2023, com queda de -0,07 p.p. para 1,40% em 2024 e saindo de 1,70% para 1,71% em 2025. A mediana do IPCA para 2023 caiu de 5,95% para 5,93%, enquanto a de 2024 aumentou 0,02 p.p. para 4,13% e a de 2025 expandiu em 0,10 p.p.

para 4,00%. Dessa forma, claramente, as expectativas do mercado financeiro contemplam a elevação da meta de inflação para 4,00%. As projeções de curto prazo mostraram pequenas variações. A de março subiu 0,01 p.p. para 0,76%, a de abril caiu -0,01 p.p. para 0,59% e a de mai/23 permaneceu em 0,40%. A inflação implícita nos títulos públicos para os próximos 12 meses caiu -0,25 p.p. para 5,74%. Mesmo sem antecipação de uma eventual flexibilização da política monetária, o Boletim Focus ainda prevê o começo da redução da Selic em novembro. Com 2 cortes de 0,50 p.p., a taxa terminal para 2023 manteve-se em 12,75% a.a.. Também sem alterações, a Selic terminaria em 10,00% a.a. em 2024 e em 9,00% a.a. em 2025. À espera do detalhamento do novo arcabouço fiscal, a mediana das projeções para o déficit primário em relação ao PIB esperado para 2023 oscilou de -1,01% para -1,02%, permanecendo em -0,80% do PIB para 2024 e em -0,50% do PIB para 2025.

Aversão ao Risco

O anúncio da compra do Credit Suisse pelo UBS, do acordo para garantir os depósitos do Signature Bank e do consórcio de Bancos Centrais (EUA, Zona do Euro, Suíça, Inglaterra, Japão e Canadá) para garantir a liquidez global foram incapazes de afastar os receios de que se possa ter uma crise sistêmica no sistema financeiro internacional, impedindo uma inflexão na evolução da percepção de risco. Mesmo com este ambiente mais desfavorável e priorizando a dinâmica inflacionária, o Federal Reserve (Fed) elevou a taxa básica de juros em 0,25 p.p. para o intervalo entre 4,75% e 5,00% a.a..

Ademais, o comunicado da reunião afirmou que o programa de redução do balanço de ativos não será afetado, detalhando que a maioria dos membros do comitê esperam apenas mais um aumento de 0,25 p.p. nos *fed funds*. Com isso, o retorno das *T-Notes* de 10 anos recuou -0,01 p.p. na semana para 3,38% a.a., devolvendo parte do forte ganho da semana anterior e o de 2 anos caiu -0,05 p.p. para 3,76% a.a.. No monitoramento do *CME Group*, na sexta-feira, havia 89,8% de chance de manutenção dos juros no encontro de maio e 10,2% de possibilidade de alta de 0,25 p.p.

Com a previsão de uma taxa terminal menor, os mercados acionários nos EUA se recuperaram na semana, com altas de 1,7% na Nasdaq, de 1,4% no S&P e de 1,2% no Dow Jones. Mesmo com a aversão ao risco, a cotação do petróleo se beneficiou do dólar mais fraco e da queda dos estoques nos EUA para registrar uma alta de 2,5%, com o barril tipo Brent cotado a US\$ 74,59.

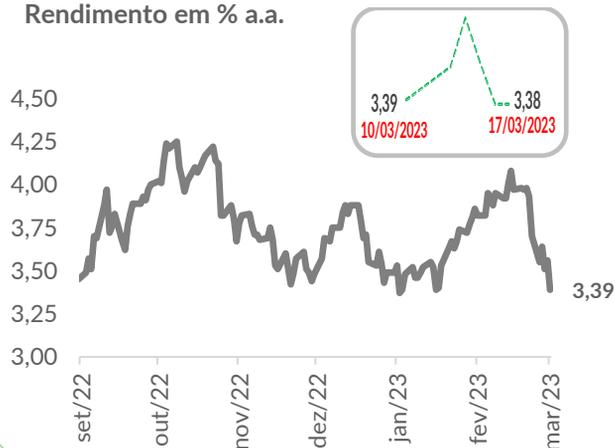
No cenário interno, houve um ligeiro recuo do risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, com queda de -0,13 bps. para 248,91 bps.. Já a não sinalização do início de flexibilização monetária no comunicado da decisão do Copom em manter a Selic em 13,75% a.a. aumentou os prêmios implícitos nas negociações dos ativos de risco, de modo que o Ibovespa registrou uma queda de -3,1% na semana.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts.	Variação		
	24/03/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	98.829	-3,1%	-9,5%	-17,0%
Nasdaq	11.824	1,7%	2,9%	-16,7%
S&P	3.971	1,4%	-0,7%	-12,1%
Dow Jones	32.238	1,2%	-2,7%	-7,1%
FTSE 100	7.405	1,0%	-7,2%	-0,8%
DAX 40	14.957	1,3%	-2,9%	4,8%
Nikkei 225	27.385	0,2%	-0,3%	-2,6%
Xangai	3.266	0,5%	-1,2%	0,5%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

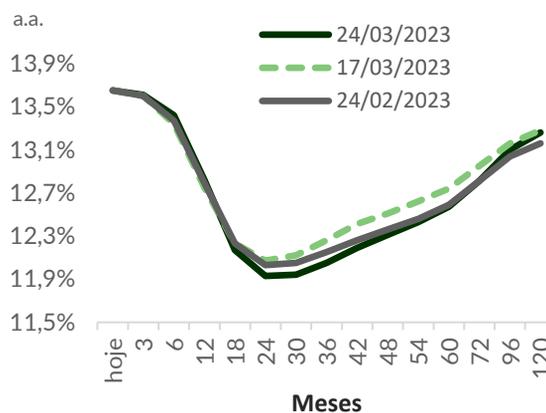
Apesar da decisão do Copom em manter a taxa básica de juros em 13,75% a.a., da não sinalização de uma eventual flexibilização monetária e da ausência de novidades do novo arcabouço fiscal, a estrutura a termo da taxa de juros não registrou movimentos significativos nos prêmios.

Com isso, na semana, a taxa prefixada para 6 meses na curva de juros no mercado futuro subiu 0,08 p.p. para 13,42% a.a. e a de 1 ano 0,07 p.p. para 12,82% a.a.. Por outro lado, a taxa para 2 anos recuou -0,14 p.p. para 11,93% a.a., a de 3 anos diminuiu em -0,21 p.p. para 12,05% a.a., a de 4 reduziu de -0,20 p.p. para 12,31% a.a., a de 5 saiu de 12,74% para 12,57% a.a., enquanto a de 10 anos recuou somente -0,02 p.p. para 13,26% a.a..

Com a taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias em 12,82% a.a. e com a inflação esperada para os próximos 12 meses recuando -0,08 p.p. na semana para 5,63%, a taxa real de juros *ex-ante* elevou-se de 6,94% a.a. para 7,08% a.a., aprofundando-se em patamar ainda mais contracionista, dado que o BC projeta a taxa neutra em 4,0% a.a..

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* das taxas de juros de 10 anos e de 1 ano negociadas na B3 recuou -0,09 p.p. na semana para 0,44 p.p.. Em linha, o diferencial das taxas pré de 10 anos e de 1 ano dos títulos divulgados pela Anbima caiu -0,08 p.p. no período para 0,73 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

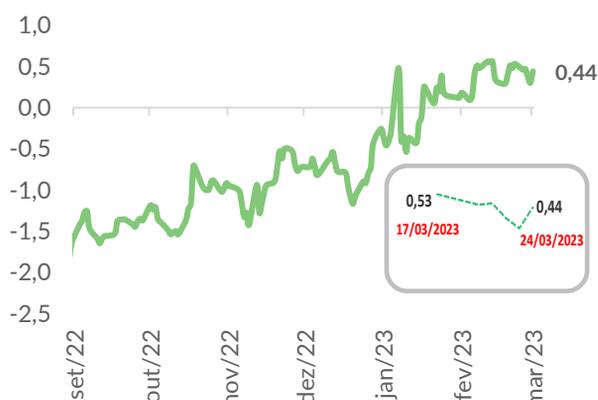


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Na semana, o dólar manteve a sua trajetória de queda, tanto em relação às moedas dos países desenvolvidos, quanto às dos emergentes, com o mercado precificando uma taxa de juros terminal menor do que a imaginada anteriormente e um ciclo de ajuste monetário menos extenso nos EUA. O *Dollar Index*, que mede o desempenho da dívida norte-americana frente às de países desenvolvidos, retraiu-se em 0,57%, refletindo as apreciações de 0,84% no euro e de 0,49% na libra esterlina.

No mesmo sentido, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes frente ao dólar exibiu alta de 1,09%, com destaques para as apreciações de 2,46% no peso mexicano, de 2,34% no peso colombiano e de 1,72% no rand sul-africano e para as depreciações de 1,19% no peso argentino e de 0,35% no rublo russo.

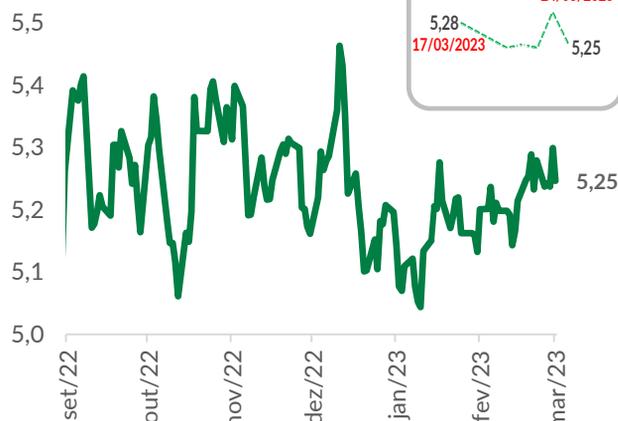
Com um desempenho um pouco inferior à média dos seus pares emergentes, refletindo o cenário local, com a postergação do anúncio do novo arcabouço fiscal, o real encerrou a semana com apreciação de 0,62%, com o dólar cotado a R\$ 5,25.

Ainda na semana, o BC manteve a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 02/05/2023, em um total de 16 mil contratos por dia.

*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Câmbio



Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US\$		Variação		
	24/03/2023	Semana	Mês	12 meses	
Real	5,25	-0,6%	1,6%	8,7%	
Euro	0,93	-0,8%	-1,0%	2,2%	
Libra esterlina	0,82	-0,5%	-1,0%	7,8%	
Rand sul-africano	18,16	-1,7%	-0,5%	25,0%	
Peso mexicano	18,44	-2,5%	-0,1%	-8,2%	
Peso argentino	205,76	1,2%	6,5%	86,8%	
Peso colombiano	4728,75	-2,3%	-4,7%	24,8%	
Rublo russo	77,28	0,3%	3,1%	-24,3%	

Índice de Emergentes*



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Copom – Mar/23

A deterioração do ambiente externo, com as dúvidas quanto à resiliência do sistema bancário internacional e a possibilidade de uma crise sistêmica, juntamente com a desaceleração da atividade econômica ainda não produziu impacto relevante no balanço de riscos da inflação que justificasse uma alteração nas diretrizes da política monetária. Em comunicado da decisão em que manteve a Selic em 13,75% a.a., o Copom reiterou a sua mensagem de preocupação com a desancoragem das expectativas de inflação para os prazos mais longos, o que necessariamente implicaria na elevação no custo para a convergência às metas.

No seu cenário de referência, as projeções de inflação voltaram a aumentar, em relação ao encontro anterior, a estimativa para 2023 saiu de 5,6% para 5,8% e para 2024 de 3,4% para 3,6%, com ambas acima das metas de 3,25% e 3,0%, respectivamente. Ainda, a projeção para o horizonte de tempo relevante para a política monetária, que contempla 6 trimestres à frente (3T24), subiu de 3,6% para 3,8%. Já no cenário alternativo, com a Selic constante em 13,75% a.a., as projeções saíram de 5,5% para 5,7% em 2023, de 3,1% para 3,3% no 3T24 e de 2,8% para 3,0% em 2024.

Como novidade, o Copom sublinhou um eventual desdobramento das ameaças à estabilidade financeira internacional em uma desaceleração mais rápida da atividade econômica global. Ademais, no que tange ao âmbito fiscal, destacou que a recente reoneração dos combustíveis reduziu a incerteza dos resultados de curto prazo, enquanto em termos estruturais deu ênfase as expectativas para a trajetória da dívida pública, que se espera sejam endereçadas com a proposta de arcabouço que está sendo discutida. Ainda como fator de risco, a preocupação com um hiato do produto mais estreito, principalmente no mercado de trabalho, abriu espaço para o impacto baixista na demanda com a perda de dinamismo nas concessões de crédito, que no seu entendimento seria compatível com o ciclo de política monetária.

Por fim, apesar de o Copom não definir o balanço de riscos como assimétrico e manter a possibilidade de uma retomada do ciclo de ajuste monetário no caso de uma frustração com a evolução da dinâmica inflacionária, a ponderação líquida dos fatores de riscos de alta e baixa aponta para uma pressão menor pelo lado da demanda, o que na próxima reunião poderá trazer um alívio para o balanço de riscos da inflação.

Cenários Copom

		Projeções IPCA			
		Reunião	2023	3T24	2024
Cenário de Referência*	fev-23		5,6%	3,6%	3,4%
	mar-23		5,8%	3,8%	3,6%
Cenário Alternativo**	fev-23		5,5%	3,1%	2,8%
	mar-23		5,7%	3,3%	3,0%

Balanço de Risco

Baixista

Queda adicional nos preços das commodities
Desaceleração da atividade econômica global
Maior desaceleração nas concessões de crédito

Altista

Persistência das pressões inflacionárias globais
Incertezas sobre o futuro do arcabouço fiscal
Desancoragem das expectativas inflacionárias

*No cenário de referência, a trajetória para a taxa de juros é extraída da pesquisa Focus e a taxa de câmbio parte de USD/BRL 5,25, evoluindo segundo a paridade do poder de compra (PPC). O preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura pelos próximos seis meses e passa a aumentar 2% ao ano posteriormente. Além disso, adota-se a hipótese de bandeira tarifária "amarela" em dezembro de 2023 e de 2024. O valor para o câmbio é obtido pelo procedimento usual de arredondar a cotação média da taxa de câmbio USD/BRL observada nos cinco dias úteis encerrados no último dia da semana anterior à da reunião do Copom.

** Selic constante em 13,75% a.a..

Fomc – Mar/23

Em um cenário com uma inflação ainda elevada, um crescimento mais modesto dos gastos e da produção e uma expansão mais robusta no mercado de trabalho, o Comitê Federal para o Mercado Aberto (Fomc) do Fed elevou a taxa básica de juros dos EUA em 0,25 p.p. para o intervalo de referência entre 4,75% e 5,00% a.a.. A decisão unânime atendeu à maioria das expectativas de mercado, com a taxa alcançando o maior nível desde ago/07.

O cenário básico do Fomc não contempla a expectativa de corte de juros em 2023, mas uma trajetória de desinflação acompanhada por um crescimento mais lento, pelo reequilíbrio gradual da oferta e demanda e do mercado de trabalho. Segundo o presidente do Fed, as políticas a serem adotadas terão como objetivo central a convergência para a taxa de 2,0% a.a. Porém, no comunicado da reunião, o Fomc amenizou a menção anterior aos aumentos contínuos na taxa para que a política monetária assegurasse esta trajetória, ao afirmar que estaria preparado para algum ajuste adicional que se mostre necessário no futuro.

Entretanto, ainda que o sistema financeiro seja sólido e resiliente, a corrida bancária recente deve resultar em condições de crédito mais restritivas para as famílias e as empresas com desdobramentos na atividade econômica, no mercado de trabalho e na inflação, o que poderá reduzir a necessidade de um ciclo de aperto mais prolongado, com taxas de juros mais elevadas. Contudo, a evolução da política monetária dependerá da extensão dos impactos da crise bancária na atividade e inflação, que no momento ainda se mostram incertos.

A mediana do *fed funds* manteve a projeção de dez/22 de 5,1% a.a. e aumentou de 4,1% para 4,3% a.a. para 2024. O famoso gráfico de pontos mostrou que 10 dos participantes do comitê esperavam que a taxa de juros básica esteja ao final de 2023 na faixa entre 5,00% e 5,25% a.a., enquanto 3 que o indicador fique entre 5,25% e 5,50% a.a., outros 3 entre 5,50% e 5,75% a.a., 1 entre 5,75% e 6,00% a.a. e 1 na faixa entre 4,75% e 5,00% a.a..

Adicionalmente, o Fomc revisou as suas projeções da inflação dos gastos com consumo (PCE) para 2023 de uma alta de 3,1% nas projeções de dez/22 para 3,3%. Já as estimativas para 2024 mantiveram-se em 2,5% e as de longo prazo em 2,0%. A previsão do núcleo do PCE para 2023 subiu de 3,5% em dez/22 para 3,6%, enquanto para 2024 subiu de 2,5% para 2,6%, permanecendo em 2,1% para 2025.

Projeções Fomc

Indicador	Mediana					
	2023		2024		2025	
	dez/22	mar/23	dez/22	mar/23	dez/22	mar/23
PIB real	0,5	0,4	1,6	1,2	1,8	1,9
De desempre go	4,6	4,5	4,6	4,6	4,5	4,6
PCE	3,1	3,3	2,5	2,5	2,1	2,1
PCE núcleo	3,5	3,6	2,5	2,6	2,1	2,1
Taxa fed funds	5,1	5,1	4,1	4,3	3,1	3,1

Fonte: Federal Reserve. Elaboração ABBC

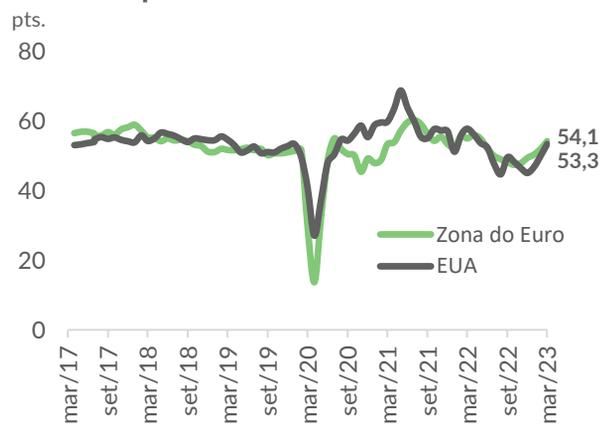
Internacional

A despeito das crises bancárias, os bancos centrais da Inglaterra, Suíça e Noruega também elevaram suas taxas básicas de juros na semana e sinalizaram possíveis novas altas para conter a inflação que ainda se mostra resiliente e elevada. Em consonância, o Banco Central Europeu (BCE) reafirmou o compromisso com o processo de desinflação, indicando que a trajetória futura da política monetária continuará condicionada às expectativas inflacionárias, à dinâmica da inflação subjacente que ainda não exhibe sinais positivos e à sua própria eficácia. O cenário base é de que haja forte desaceleração devido à queda nos preços de energia e ao arrefecimento de gargalos de oferta.

Do lado dos indicadores para a Zona do Euro, o índice de gerente de compras (PMI) composto, que reúne dados do setor industrial e de serviços, avançou de 52,0 pts. em fev/22 para 54,1 pts em março, apontando para uma expansão da atividade. Entretanto, para o setor manufatureiro o indicador ficou em 47,1 pts., enquanto o de serviços surpreendeu positivamente alcançando 55,6 pts.. O resultado do PMI indica que a economia europeia permanece relativamente sólida, apesar do aumento das taxas de juros e dos custos de produção gerados a partir da guerra na Ucrânia. Por outro lado, o índice de confiança do consumidor registrou leve queda em março ao passar de -19,1 pts. em fev/23 para -19,2 pts., de acordo com dados preliminares da Comissão Europeia. O indicador veio pior que o previsto pelo mercado (-18,3), mantendo-se bem abaixo da média de longo prazo. Ainda, o índice ZEW de expectativas econômicas da Alemanha apontou forte queda na margem na leitura de março, de 28,1 pts. para 13,0 pts., refletindo as incertezas com o setor bancário europeu.

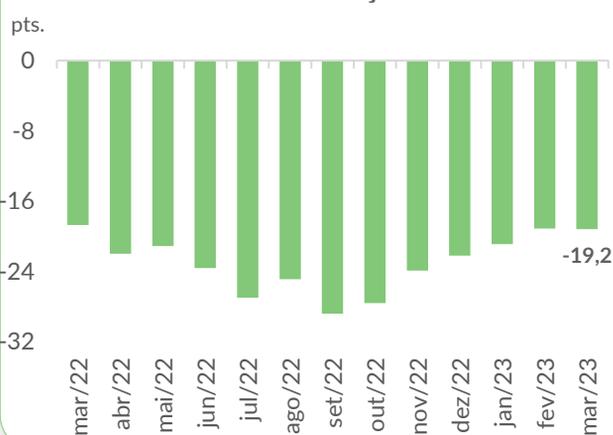
Nos EUA, a atividade empresarial ganhou força em março, com a recuperação das encomendas. Contudo, o aperto recente nas condições financeiras deverá limitar esse movimento. O PMI Composto, medido pela S&P Global, aumentou de 50,1 pts. em fev/23 para 53,3 pts., em números preliminares, indicando o crescimento do setor privado. Por fim, contrariando a expectativa de uma queda de -3,0%, as vendas de novos imóveis residenciais nos EUA cresceram 1,1% na margem em fevereiro, descontados os fatores sazonais.

PMI Composto - Países



Fonte: Bloomberg Elaboração ABBC

Zona do Euro - Confiança do Consumidor



Fonte: Comissão Europeia. Elaboração ABBC

IPCA-15 - Mar/23

Desacelerando em relação ao número de 0,76% em fev/23, o IPCA-15 de março registrou uma inflação de 0,69%, um pouco superior a alta esperada pelo mercado de 0,60%. A dinâmica do indicador esteve associada à reoneração parcial dos tributos federais sobre os combustíveis. Assim, o IPCA-15 mostrou um arrefecimento no ritmo de alta de 5,63% a.a. em fev/23 para 5,36% a.a. (10,79% a.a. em mar/22).

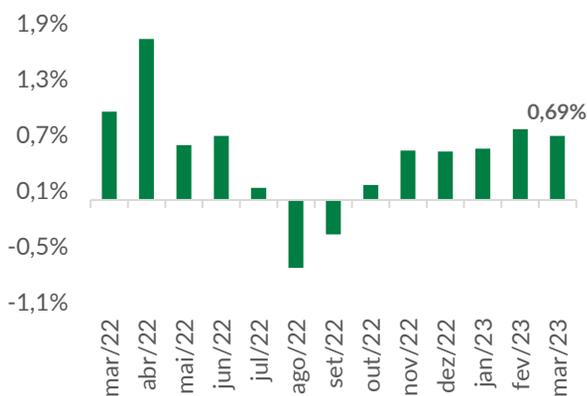
Todos os componentes do IPCA-15 apresentaram aumento, a exceção ficou com o grupo Artigos de Residência que teve uma deflação de -0,18% em março (0,71% em fev/23). Por causa dos aumentos nos preços da gasolina e do etanol, o grupo Transportes ostentou a maior variação e impacto no índice, com uma alta de 1,50% e 0,30 p.p. de contribuição. Com uma alta de 1,18% (0,55% em fev/23), a rubrica Saúde e cuidados pessoais pesou com 0,15 p.p., com destaques para perfumes (5,88%), itens de higiene pessoal (2,36%) e pelos reajustes nos planos de saúde (1,20%). Por sua vez, com o aumento menor nos custos com a alimentação no domicílio, que saiu de 0,38% em fev/23 para 0,02%, o grupo Alimentação e Bebidas desacelerou de 0,39% para 0,20%, impactando em 0,04 p.p..

A dinâmica mensal apresentou um cenário um pouco mais benigno, com a média dos 5 núcleos acompanhados pelo BC desacelerando de 0,68% em fev/23 para 0,43% e o índice de difusão recuando de 67,03% para 61,31%. Corroborando essa percepção, a medida de serviços subjacentes, mais sensíveis à política econômica, recuou de 0,57% em fev/23 para 0,32%.

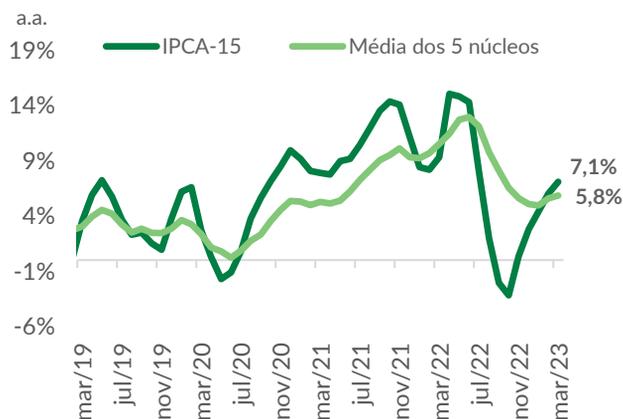
Por fim, embora ainda distante das metas, as 3 medidas de inflação subjacentes recuaram. A alimentação e bebidas no domicílio caiu de 12,68% a.a. em fev/23 para 11,24% a.a., a de serviços de 7,85% a.a. para 7,57% a.a. e a dos bens industriais de 12,27% a.a. para 11,05% a.a. em março.

Finalizando, a média móvel trimestral dessazonalizada e anualizada do IPCA-15 subiu de 6,0% a.a. para 7,1% a.a., com a inflação de serviços passando de 4,1% a.a. para 4,6% a.a.. A de bens industriais variou de 7,5% a.a. para 7,3% a.a. e a de alimentação no domicílio de 6,3% para 5,9%..

Variação Mensal



MM3 dessazonalizada



Fonte: IBGE Elaboração ABBC

Arrecadação Federal – Fev/23

Em fevereiro, a arrecadação federal via impostos e previdência ficou em R\$ 159,0 bilhões no mês ante R\$ 251,7 bilhões em jan/23. Apesar da redução na margem, em linha com fatores sazonais, o desempenho exibiu uma alta real de 1,3% em relação a fev/22, puxado pela arrecadação atípica de R\$ 2,0 bilhões em Imposto de Renda para PJ e CSLL. Os destaques no mês ficaram para as entradas de R\$ 25,3 bilhões de IR retido na fonte, R\$ 20,4 bilhões de IR para PJ e R\$ 23,9 bilhões em Cofins.

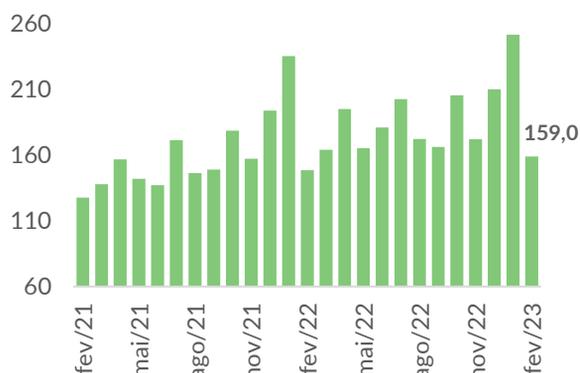
No bimestre, a arrecadação via impostos e previdência totalizou R\$ 410,7 bilhões, o que representou uma alta real de 1,2% frente ao mesmo período de 2022. Considerando os 2 primeiros meses do ano, o governo deixou de arrecadar R\$ 24,1 bilhões com desonerações tributárias contra R\$ 12,9 bilhões no mesmo período do ano anterior, sendo R\$ 12,5 bilhões somente em fevereiro.

Mesmo com o bom desempenho no período, a evolução anual da arrecadação total acumulada em 12 meses, em termos reais, mantém trajetória cadente, encerrando fevereiro com alta de 6,1% a.a. ante 6,4% a.a. em jan/23 e 19,8% a.a. em fev/22. Na mesma base comparativa, enquanto a receita com impostos cresceu 5,9% a.a., a receita via previdência subiu 6,6% a.a., impulsionada pela recuperação da massa salarial.

Não há dúvidas de que a arrecadação federal deverá exibir comportamento mais moderado em 2023, em consonância com a queda dos preços das commodities e desaceleração no ritmo de avanço da atividade econômica, quer seja pelos efeitos defasados da política monetária, mas também agora pelo contexto mais delicado para a estabilidade financeira.

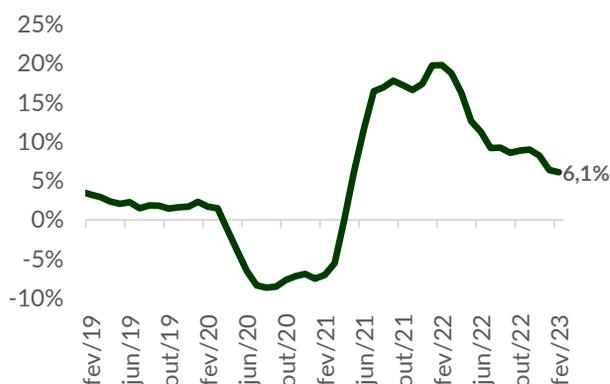
Arrecadação Mensal

Importos e previdência - em R\$ bilhões



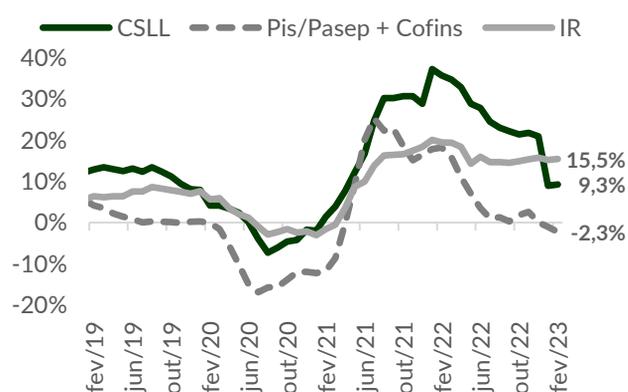
Evolução Anual Real

Arrecadação acumulada em 12 meses



Evolução Anual Real

Acumulada em 12 meses - por modalidades



Fonte: Receita Federal. Elaboração ABBC

Intenção de Consumo das Famílias (ICF)

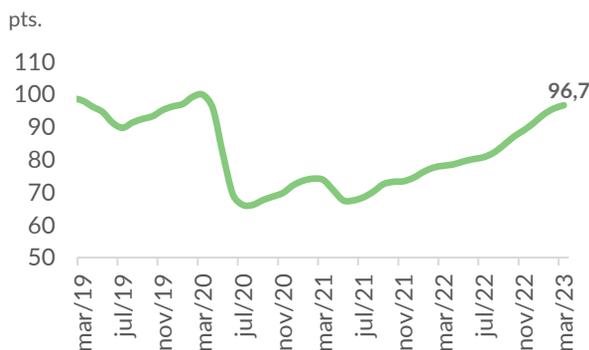
A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias (ICF), divulgados pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), indicou que em março as perspectivas de consumo mantiveram-se em patamar otimista, ainda que mostre variação mais moderada. O ICF atingiu 96,7 pts., descontados os efeitos sazonais, o maior patamar desde o início da pandemia (99,9 pts. em mar/2020).

Analisando-se a evolução do ICF dessazonalizado, é clara a recuperação do índice que sofreu uma queda brusca devido aos desdobramentos negativos da pandemia do Covid-19. A retomada, iniciada ainda em meados de 2020, ganhou força em 2022 com variações mensais que chegaram a 4,4% em mai/22. Após um início firme de 1,3% em jan/23 e 1,4% em fev/23, a elevação mensal perdeu fôlego, ficando em 0,8% em mar/23 (1,8% em mar/22). O avanço do mês foi puxado pelos resultados positivos para duráveis, com 3,1% de variação mensal, e para o nível de consumo atual com um aumento de 3,2%. Contudo, a perspectiva de consumo recuou em -0,8%, constituindo-se o único grupo com variação mensal negativa dentre os considerados.

Importante atentar-se à questão do acesso ao crédito. Embora, a variação mensal desse indicador tenha sido positiva, de 0,7% em março, as dificuldades para a obtenção de crédito, restrições e tarifas altas, gradativamente serão barreiras ao consumo.

Destacam-se também as avaliações quanto às condições atuais de emprego, indicador que encerrou março com um aumento de 0,7% para 118 pts., dando continuidade a um ciclo de aumentos que vem do final de 2020 (87,9 pts. em mar/21).

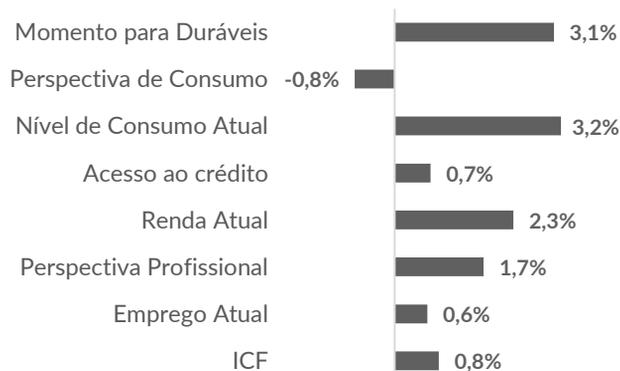
Evolução do Índice Nacional



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Variação Mensal - Por grupo

Dados dessazonalizados



Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E
Atividade, Inflação e Juros									
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	1,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,6
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	6,0
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	4,1
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,50
Setor Externo e Câmbio									
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	57,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-50,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,25
Fiscal									
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,0
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,9
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	62,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	77,0

Atualização do cenário: 17/03/23



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688